

BALANÇO 2017

PERSPECTIVAS 2018



PANORAMA GERAL

BALANÇO 2017

Faturamento total do agronegócio mineiro em 2017

R\$ 193,6 bilhões - redução de 5,35% (em relação a 2016 / estimativa até set/2017).

Estimativa de faturamento

Produtos agrícolas: R\$ 103,8 bilhões - redução de 8,23% frente a 2016.

Produtos pecuários: R\$ 89,7 bilhões - recuo de 1,78% em relação a 2016.

Exportações totais do agronegócio

US\$ 6,7 bilhões de dólares - aumento de 10,96% em valor e de 4,26% em volume em relação a 2016. Dados até outubro/2017.

PIB DO AGRONEGÓCIO

O PIB do agronegócio mineiro recuou 5,35% nos primeiros 8 meses do ano, segundo estudo do Cepea (Esalq/USP), realizado com apoio do Sistema FAEMG e Governo de Minas.

A queda se justifica, principalmente, pelo recuo no setor agrícola; de 8,23%. O setor pecuário também registrou queda, mas em magnitude menor; de 1,78%. Este resultado foi puxado pela significativa queda de preços médios nos segmentos analisados, principalmente dos produtos agrícolas “dentro da porteira”, “serviços” e “indústria”. Apenas o segmento “insumos”, +3,56%, do ramo agrícola, apresentou indicador positivo, sinalizando investimento dos produtores no plantio para a nova safra 2017/18, em adubos, corretivos de solo e fertilizantes.

No ramo pecuário, somente o segmento “indústria” apresentou leve aumento de 0,86% no período, justificando um aumento do abate de animais (bovinos e suínos) e de produção de ovos em Minas Gerais.

Cenário Econômico

2017 foi um ano de superação no ambiente internacional, com concretização das expectativas de crescimento do mercado mundial, especialmente para as economias emergentes.

Já a economia brasileira apresentou crescimento moderado. Mas, influenciado pelas questões internacionais, o ambiente já se mostrava mais favorável do que nos últimos anos. Alguns setores contribuíram fortemente para este início de superação da recessão. Grande destaque, mais uma vez, foi a agropecuária. Outros setores ainda apresentam contração, como a indústria e o setor de serviços, que tem contração menor em 2017 do que nos últimos anos, mas que ainda apresentam indicadores negativos.

Com a economia ainda enfraquecida e dando sinais de melhoria, o Governo Federal empreendeu ações para a redução da taxa de juros, visando aumento do consumo pelas famílias. Outra estratégia foi a possibilidade de acesso aos valores das contas inativas do FGTS. A destinação dos recursos para o pagamento de dívidas, e também para o consumo, trouxe leve recuperação à economia brasileira.

A contribuição da produção agropecuária para o PIB foi novamente muito importante. Influenciou negativamente na inflação e garantiu preços mais baixos dos produtos de “alimentação e bebidas” no indicador do IPCA (dentro e fora do lar), conforme dados levantados pelo IBGE. A previsão para o IPCA em 2017 é de 3,03% e, caso seja confirmado, será o menor patamar registrado desde 1998, puxado principalmente pelo setor.

Alguns aspectos favoráveis para a recuperação do consumo das famílias em 2017 se enfraquecerão em 2018, como a aplicação do requisito de estabelecimento do reajuste do salário mínimo e a indisponibilidade de saldo do FGTS nas contas inativas.

Para manter a economia com crescimento moderado, verifica-se a necessidade de estratégia de política monetária. A redução da taxa de juros vem acontecendo desde outubro de 2016, quando estava em 14%. Atualmente é de 7%. Os reflexos dessas decisões podem influenciar para a retomada do crescimento, por meio de juros mais baixos.

Ainda assim, é necessário estimular a confiança de investidores, com redução de riscos internos e externos, impulsionando maior produção com a utilização da ociosidade existente na economia.

Com relação ao câmbio, para 2018, espera-se uma cotação do R\$/US\$ mais próxima de 3,40 a 3,50. Essa volatilidade refletirá o processo político-eleitoral brasileiro, mais ou menos turbulento.

O câmbio poderá influenciar positivamente as exportações do agronegócio, garantindo a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional.

FAEMG, CNA e outras entidades representativas dos produtores, têm trabalhado para impedir o aumento das alíquotas de importação de alguns defensivos agrícolas da Lista de Exceções à Tarifa Externa Comum (Letec). Atualmente, não há taxação, o que favorece a importação de produtos para o controle de pragas de culturas como hortaliças, soja, milho, algodão, café, cana, citrus e feijão.

Balança Comercial

Exportações

Em 2017, tanto no Brasil quanto em Minas Gerais, o agronegócio foi importante para o saldo da balança comercial.

Para o país, as exportações do setor representaram, em 2017, 45% das vendas externas. Já em Minas, as exportações totais do agronegócio mineiro corresponderam por 31,41% do total exportado, totalizando 7,35 bilhões de dólares - valor 9,56% maior que 2016. Em volume, o crescimento foi de 4,65%.

Para o próximo ano, há projeção de ampliação das exportações, especialmente pela abertura de novos mercados, diversificando ainda mais a pauta de produtos. A previsão é de que as vendas externas do agro cheguem a 50% dos embarques totais do país.

Espera-se a conquista de novos mercados por meio de acordos comerciais para o Brasil, potencializando também os produtos mineiros. Estão sendo feitos esforços em marketing e fortalecimento da imagem dos produtos, agregação de valor, criação e organização de marcas regionais, além da participação e realização de eventos internacionais, como a SIC (Semana Internacional do Café, promovida desde 2012 em Minas Gerais). Há ainda expectativa, ainda para 2017, de fechamento de acordo comercial entre Mercosul e União Europeia, além da busca por novos mercados para produtos brasileiros, como Coreia do Sul, México e Japão.

Produção recorde – O ano de 2017 foi marcado pela safra recorde de grãos e fibras, favorecida pelo clima e também por investimentos do produtor em tecnologia. Entretanto, a colheita abundante puxou os preços para baixo e o produtor contabilizou rentabilidade menor neste ano. Já o setor pecuário registrou aumento de abate em bovinos e suínos e produção de ovos. Outros produtos não tradicionais da pecuária mineira estão crescendo em diversas regiões, como a produção de mel e derivados, rebanho ovino e caprino, codornas e aquicultura.

Endividamento – O agravamento da seca nos últimos anos teve sérios impactos, havendo necessidade de diversas interlocuções, em nível nacional, para a renegociação de dívidas dos produtores. A regulamentação da Lei 13.340 possibilitou a adesão dos produtores das regiões de atuação da SUDENE – onde estão localizados 168 municípios mineiros – e aqueles que tiveram seus débitos inscritos em Dívida Ativa da União (DAU). Novos esforços foram tomados para a postergação dos prazos de adesão dos produtores, uma vez que as instituições financeiras e outros órgãos relacionados não conseguiram, em tempo, apresentar os saldos devedores aos produtores e efetivamente realizar as renegociações, aplicando os descontos previstos em lei.

Seguro Rural - A condução política e econômica do Brasil criou a necessidade de um ajuste fiscal que comprometeu o desenvolvimento de políticas públicas para o agronegócio; em especial, o Programa de Seguro Rural. Como nos anos

anteriores, ainda que haja volume planejado para o triênio, os recursos têm sido contingenciados. O montante já disponibilizado não foi suficiente para a demanda por seguro em 2017. O setor produtivo defendeu, por todo o ano, a liberação dos recursos, visando garantir, a partir de setembro, a subvenção ao prêmio para a safra de verão 2017/18. Foram também apresentadas propostas para o PL 4/2017, que trata da mitigação de riscos agropecuários.

Alternativa apresentada aos produtores pela FAEMG para contornar os reflexos diversos das adversidades climáticas foi o lançamento do Programa FAEMG Seguros, com diversas modalidades de cobertura para as diferentes atividades produtivas da agropecuária mineira.

Segurança no campo

Nos últimos anos, tem sido crescente a violência no campo, e os roubos de gado, sacas de café, equipamentos e insumos, dentre outros tipos de patrimônio. A insegurança, somada à falta de estrutura básica e serviços, agrava o problema do êxodo rural e, conseqüentemente, há falta de mão de obra para as diversas atividades agropecuárias.

O Sistema FAEMG articulou, em 2017, a contratação de uma consultoria para realizar diagnóstico e desenvolver plano de ação e instrução para conscientizar os produtores rurais sobre a importância de medidas de autoproteção e de proteção de seu patrimônio.

Minas Gerais possui ainda muitas regiões rurais que não contam com cobertura de Internet. A ideia é encontrar soluções tecnológicas e sistemas alternativos de comunicação para que os produtores de uma mesma região possam comunicar-se entre si, e também com uma central de operação de uma maneira eficiente e barata.

Também já foram implantados projetos-piloto de monitoramento e redes de fazendas protegidas. Por fim, a articulação com o poder público tem sido empreendida, a fim de atender os anseios dos produtores e promover sua proteção e de seu patrimônio.

CAFÉ

BALANÇO 2017

Brasil: Produção estimada 44,7 milhões de sacas (redução de 13% se comparado a safra anterior – dados CONAB).



Minas Gerais:

Maior estado produtor, responsável por 54% da produção nacional, Minas colheu 24,3 milhões de sacas; safra 20,7% menor que a anterior.

Baixa produção

Ano de safra baixa, a produção mineira amargou recuo de produção não apenas por conta dos efeitos de bienalidade negativa da planta, mas também devido aos impactos climáticos e de pragas e doenças que impactaram o volume e a qualidade dos grãos.

Nas principais regiões produtoras, problemas climáticos como altas temperaturas e falta de chuvas, prejudicaram a granação dos grãos, que ficaram de menor tamanho. A colheita foi antecipada em razão da maturação desuniforme, e acabou coincidindo com a ocorrência de chuvas fora de hora, o que prejudicou também a qualidade dos grãos.

Além dos impactos climáticos, a presença da broca em grande parte dos cafezais mineiros reduziu a qualidade e a quantidade dos grãos. Isso porque a eficiência dos produtos disponibilizados no mercado é baixa. O manejo para vazios sanitários durante e após colheita tornam-se fundamentais para redução da praga nas lavouras mineiras.

Exportações

O impacto também foi sentido nas exportações, onde o volume de café verde (cru) enviado para o mercado internacional foi 6,3% menor que o mesmo período de 2016 (jan-nov). Ainda assim, o produto se mantém o carro chefe das exportações do agronegócio mineiro, correspondendo por 42,6% da balança comercial do estado em 2017.

Preços

Ao contrário do que era de se esperar com a baixa oferta, os preços do café arábica tiveram reação negativa ao longo do ano. De acordo com dados do CEPEA, a média do período (jan-out/17) para o tipo arábica (Bebida Dura – tipo 6) foi de R\$ 468,54 (-4% em relação a média do mesmo período do ano anterior). Já para o conilon, os preços seguiram de forma positiva, onde o robusta (peneira 13 – tipo 6) teve média no ano em R\$ 423,33 (+3,8%).

AÇÕES DE PROMOÇÃO DO CAFÉ PELO SISTEMA FAEMG:

- **Realização da 5ª Semana Internacional do Café (outubro/17):** fomento aos negócios, conhecimento e inovação. Destaque para a participação expressiva de compradores internacionais; e também para os recordes de público e negócios. O Sistema FAEMG promoveu ainda o **ESPAÇO CAFÉ+FORTE**, tratando de temas como o comércio internacional como uma estratégia comercial, o seminário InterAgro Café, o evento “Trajetórias para a Exportação: qualificação, inteligência e promoção comercial”; e a Oficina de Custos de Produção.
- **Promoção e valorização dos “Cafés de Minas”,** contextualizando as principais características da bebida presente em cada região produtora no nosso estado (Cerrado Mineiro, Sul de Minas, Mantiqueira de Minas, Matas de Minas e Chapada de Minas).
- **Expansão do Programa Café+Forte,** levando ao cafeicultor mineiro informações sobre o custo de produção da cultura. É importante ferramenta de apoio na tomada de decisão em momentos complexos. Novidade em 2017 foi o desenvolvimento de uma plataforma que possibilitará o acesso direto do produtor na gestão de custo da atividade cafeeira. A perspectiva é que mais produtores possam acessar a tecnologia de custo e obter mais competitividade.
- **Reunião conjunta das comissões estadual e nacional de café (FAEMG/CNA):** na ocasião foi apresentado o material desenvolvido pela CNA para manejo integrado da broca do café (vídeo e cartilha), também difundidos pela FAEMG e região do Cerrado Mineiro (região mais afetada pela praga). Além da discussão de pontos estratégicos para a cafeicultura mineira, como o mapeamento do parque, a pesquisa específica sobre broca, as estatísticas e confiabilidade setoriais, e também os movimentos nacionais de legislações que impactam o segmento (FUNRURAL, Lei trabalho escravo, Reforma Trabalhista e Rotulagem).
- **Não à importação de café:** novamente a temática aterrorizou os cafeicultores. A FAEMG, juntamente à CNA, agiu para barrar a entrada, no Brasil, de cafés do Vietnã e Indonésia. (No ano anterior, a luta foi para segurar a importação de cafés do Peru). A discussão chegou à esfera presidencial, que determinou que fosse feita mais uma tentativa de consenso com lideranças políticas e do setor produtivo, negando a importação de café.
- **Fórum Mundial dos Produtores de Café:** a FAEMG participou do evento que aconteceu na Colômbia, em julho, onde foram discutidas as ameaças futuras da cafeicultura mundial, como as mudanças climáticas, a volatilidade de preços, a concentração da indústria e a sucessão familiar.

PERSPECTIVAS 2018

O cenário observado neste segundo semestre de 2017 deve frustrar a expectativa de uma possível super safra para 2018. As lavouras mineiras encontram-se ainda em estado precário por conta do déficit hídrico. As altas temperaturas deixaram as plantas desfolhadas e murchas, enquanto a incidência de doenças como a ferrugem e o bicho mineiro, causaram floradas desuniformes e a queda de chumbinhos.

A ocorrência de chuvas regulares neste fim de 2017 e início de 2018 será decisiva para a cadeia cafeeira. É este um dos mais importantes momentos para o florescimento, o pegamento dos chumbinhos e a granação dos frutos. Só após esta fase será possível avaliar a perspectiva de uma grande safra. A princípio, a expectativa é de que haja produção maior que a atual; porém, não se sabe o quanto maior.

Além da bienalidade positiva, o crescimento, em volume, da produção, é também esperado por conta da adoção da técnica de “safra zero” realizada por muitos produtores no ano anterior, o que proporcionará maior produtividade nas áreas aplicadas.

Há também novas lavouras formadas na safra anterior e que passarão a produzir em 2018. Somente em Minas Gerais, a área em formação foi 35% maior que o ano anterior, segundo dados da CONAB.

Recomendações

TRATOS - Até que cheguem ao mercado produtos de controle eficiente à broca e sem custos abusivos, torna-se fundamental o manejo integrado das lavouras. A retirada dos frutos remanescentes da colheita anterior e o monitoramento, principalmente depois da florada, combinado à utilização de inseticidas de alta performance são imprescindíveis para evitar danos significativos nos cafezais.

GESTÃO – é oportuno que os produtores administrem bem o fluxo dessa safra de 2017/18, atentando aos custos de produção e à gestão de sua atividade. Essa é uma ação que poderá render resultados para o curto prazo. Além disso, é preciso que já se programem também para o longo prazo, criando para si maior independência das inconstâncias do mercado.

A FAEMG tem duas linhas de atuação no fomento à cafeicultura. A primeira delas é **POLÍTICA**, de representação dos sindicatos rurais e dos produtores mineiros, em seus interesses e demandas. Nesse sentido, a Federação atua na busca, junto aos órgãos competentes, por políticas e medidas estruturantes e emergenciais para o desenvolvimento da cafeicultura no estado. Paralelamente, atua também em caráter **TÉCNICO**, promovendo a melhoria da atividade por meio de cursos e treinamentos para a capacitação do produtor e do trabalhador rural. E pelo Programa Café+Forte, fornece conhecimento para que possa gerenciar melhor a produção, reduzindo custos e elevando a produtividade com maior qualidade.

LEITE

Balanço 2017

Brasil

*Produção total estimada: 35,2 bilhões de litros
Crescimento de 4,5% em relação a 2016*



Minas Gerais

*Produção estimada em 9,4 bilhões de litros.
Estabilidade em relação a 2016.
VBP estimado em R\$ 10,4 bilhões (faturamento 6,2% maior que 2016).*

Minas Gerais é o maior produtor nacional de leite, com a participação de 27% do total. Segundo o IBGE, o estado detém um rebanho efetivo de 5,8 milhões de vacas ordenhadas, com produtividade média de 1.803 litros /vaca /ano.

O preço médio do leite pago ao produtor mineiro em outubro de 2017, foi R\$ 1,038/litro, valor 27,4% inferior a outubro do ano anterior. A combinação entre seguidas desvalorizações e o aumento nos custos de produção reduziram fortemente as margens de rentabilidade da atividade. Este fato já se reflete nos investimentos dos produtores com alimentação do rebanho e outros itens do processo produtivo e, conseqüentemente, teve reflexos na produção de leite.

Dois motivos explicam porque o preço do leite aos produtores não acompanhou o aumento dos custos de produção: a estagnação do consumo interno (que não absorveu o crescimento da produção), e a manutenção, no mercado internacional, do preço do leite em pó em patamares semelhantes aos valores realizados no final do ano passado (US\$ 2,778/ton.), favorecendo a importação de lácteos. De janeiro a outubro, foram importados 749 milhões de litros de leite, sendo 91% vindos da Argentina (35.076 de toneladas) e Uruguai (48.520 toneladas).

- **Mercado:** 2017 foi marcado pela estagnação do consumo no mercado interno, interrompendo uma trajetória de crescimento que vinha desde 2000, acumulando 40% de expansão.

- **Exportações:** As exportações mineiras de lácteos, de janeiro a outubro deste ano, recuaram 40,5% em receita (somatório de 33,1 milhões de dólares) e 32,7% em volume (12.476 toneladas).

- **Balde Cheio:** Em um ano de altos custos de produção e desvalorização do produto final, foi grande a procura dos produtores mineiros pelo Balde Cheio. O programa, gerido em Minas pela FAEMG, capacita técnicos para orientarem os produtores à melhor gestão da propriedade, auxiliando na tomada de decisões, atacando os gargalos e otimizando oportunidades. Como consequência, é sensível a redução dos custos e aumento da produtividade por área (a média dos participantes é de 4.485 litros/ha/ano, índice 2,5 vezes maior que a média estadual. Em seu 10º ano de funcionamento, o Balde Cheio fecha 2017 com mais de 2500 produtores atendidos em 330 municípios, por 220 técnicos capacitados.

Perspectivas 2018

Fundo Sanitário – É esperada, para 2018, a criação de um Fundo Sanitário Animal de Minas Gerais, que auxiliará o Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose Animal - PNCEBT. O fundo possibilitará indenização, inclusive, para possíveis casos de febre aftosa, representando mais um passo para a futura retirada da vacinação contra essa doença. Permitirá também a abertura de outros mercados, ainda mais exigentes, fomentando as exportações.

Conseleite - Outra expectativa dos produtores mineiros de leite para 2018 é a criação de um Conselho do Leite - Conseleite, viabilizando o diálogo consistente com a indústria e estabelecendo um preço base para a comercialização do leite no estado.

IN62 - O setor se prepara ainda para adequar-se aos novos parâmetros de qualidade do leite da Instrução Normativa - IN 62 que, a partir de julho de 2018, rege sobre o decréscimo na contagem bacteriana total e de células somáticas (100.000 UFC/ml e 400.000 células/ml, respectivamente). O momento, para os produtores, é de se adequar aos parâmetros e exigências da nova legislação, produzir em quantidade e qualidade, e buscar reverter o déficit da balança comercial.

Oportunidades

Se, em 2018, o mercado internacional se mantiver como nos patamares atuais, o ano deve começar com retração na demanda por importações. Ainda assim, a rentabilidade do produtor nestes primeiros meses deve se manter bastante enxuta. Isso porque são esperados preços mais elevados para os componentes da ração (milho e soja).

GRÃ OS

Balanço 2017



Brasil

Produção total de grãos: 238,2 milhões de toneladas.

(Aumento de 28 % em relação à 2015/16)

Soja: 114 milhões de toneladas. Aumento de 19,5%

Milho: 97,7 milhões de toneladas. Aumento de 47%

Feijão: 3,4 milhões de toneladas. Aumento de 35,2 %

Sorgo: 1,87 milhões de toneladas. Aumento de 81%

Minas Gerais

Produção total: 14,2 milhões de toneladas

(Aumento de 21% em relação à 2016)

Milho: 7,65 milhões de toneladas

Soja: 5,05 milhões de toneladas

A área plantada de grãos foi de aproximadamente 3,34 milhões de hectares, gerando uma produção 14,2 milhões de toneladas. A forte alta de 21% na produção de grãos mineira está diretamente relacionada ao aumento de produtividade da cultura do milho e da soja. Em 2017, as respectivas produções foram de 7,65 e 5,05 milhões de toneladas.

Na comparação com 2016, os preços dos grãos, no geral, apresentaram queda, devido à grande produção mineira e ao aumento da produção nacional. Mesmo com demanda aquecida, a produção elevada jogou os preços para baixo, favorecendo os setores de pecuária.

Em relação aos efeitos climáticos, as culturas que foram cultivadas, tanto na primeira, quanto na segunda safra, apresentaram desempenho bastante positivo. As chuvas de verão foram abundantes nas principais regiões produtoras e, durante a segunda safra, o volume foi suficiente para garantir a boa produtividade. O incremento tecnológico também fez a produtividade ser ampliada no estado.

Minas é um dos principais produtores de feijão do país. Na safra de 2016/17, o estado produziu 560 mil toneladas do grão, contra 522,4 mil na safra anterior, leve alta de 7,2%. Os preços ao produtor tiveram queda substancial nesse ano. Tanto o Paraná (maior produtor brasileiro) quanto Minas Gerais (2º maior), apresentaram bons rendimentos em relação ao ano anterior. No caso de Minas, houve aumento na área cultivada, o que elevou a oferta, e resultou em preços mais baixos ao consumidor final, influenciando negativamente na inflação.

A área cultivada de sorgo aumentou, motivada pelo aumento do preço do produto no ano anterior, quando foi fortemente utilizado em substituição ao milho nas rações animais. O aumento da produção ocasionou na desvalorização de preços do grão em

2017, da ordem de 18,6%, considerando preços até outubro. A produção que foi de 348 mil toneladas na safra 2015/16 saltou para 720,5 mil toneladas na safra seguinte, o que equivale a um incremento de 107% em Minas Gerais.

O trigo é outro importante produto que vem se destacando em Minas. A alta qualidade do trigo produzido na região do Cerrado, bem como a boa palhada residual e a alternativa para rotação de culturas tornam o grão cada dia mais atrativo. Nos últimos dois anos, a área de produção se manteve estável, em torno de 81,7 mil hectares cultivados. A produção teve ligeiro aumento (1%) na safra 2016/17, se comparado à passada.

Atuação da FAEMG

A FAEMG atuou ativamente nas contribuições junto à CNA e outras instituições para o desenvolvimento de políticas públicas para melhorar a competitividade do trigo mineiro e brasileiro. Uma das ações foi mobilização pela manutenção da tarifa externa comum para o cereal. Esse pleito antecipou uma possível isenção de tarifa de importação de trigo para uma cota de 750 mil toneladas de fora do Mercosul. Se aprovada, a isenção de tarifa de 10%, poderia adicionar forte demanda pelo produto produzido no Hemisfério Norte, especialmente dos Estados Unidos e Canadá. Também foram apresentadas, ao Governo Federal, propostas para fomentar a produção interna do produto. Resultados são esperados já para o próximo ano.

Perspectivas 2018

Brasil

Produção total de grãos: 225 milhões de toneladas.

(Queda de 5,5% em relação à 2016/17)

Soja: crescimento de 3% na área plantada. Redução da produtividade e na produção (-5,5%)

Milho: 92 milhões de toneladas. Redução de 6,2%

Sorgo: 1,8 milhões de toneladas. Redução de 3,2%

Feijão: 3,25 milhões de toneladas. Redução de 3,8%

Minas Gerais

Produção total esperada: 13,1 milhões de toneladas

As lavouras mineiras tiveram atraso no plantio da safra de grãos. As chuvas só passaram a registrar bons volumes a partir de novembro. Por isso, muitos produtores que haviam plantado com as primeiras chuvas de outubro tiveram que replantar; o que elevou os custos de produção.

Com o atraso na precipitação, a perspectiva, até o momento, é que haja queda na produção mineira de grãos. A redução da janela de plantio da segunda safra também gera incertezas, especialmente quanto ao clima, reduzindo a intenção de plantio e fazendo com que produtores prefiram apostar no sorgo, cultura que é mais tolerante ao déficit hídrico.

A produção de soja mineira deverá ter redução no volume de produção em torno de 6%. Passando de 5 milhões de toneladas na safra 2016/17 para 4,7 milhões na safra 2017/18.

Para o milho, estima-se queda de 7% na produção total mineira, reduzindo para 7 milhões de toneladas produzidas na safra 2017/18. A opção por produção da soja na primeira safra ante o milho é uma das razões. O segundo fator é a redução na janela de produção, que poderá influenciar na segunda safra mineira do grão.

O feijão deve aumentar em 2,5% a produção, fato que se deve aos preços remuneráveis pago ao produtor em 2017, ainda que, comparativamente a 2016 tenham sido menores.

O trigo deve aumentar a produção em 3,4%. Passando de 219 mil toneladas produzidas para 226,6 mil. A expectativa é que, apesar da manutenção da área, a expertise dos produtores mineiros na cultura se eleve com o uso de pacotes tecnológicos melhores e mais adaptados.

CARNES



Balanço 2017

VBP total dos produtos pecuários em Minas estimado em R\$ 21,06 bilhões.

Redução de 7,9% em relação a 2016

Desde o início, 2017 foi marcado por cenário difícil para setor. A economia em recessão e a redução do poder de compra do brasileiro fizeram recuar o consumo per capita dos produtos pecuários.

Ainda assim, o setor desempenhou papel significativo na balança comercial. No acumulado dos onze primeiros meses, houve incremento nas exportações brasileira e mineira, de 9,3 % (14,2 bilhões) e 27,6% (893,4 milhões), respectivamente.

Expectativas

Para o período das festividades deste final de ano, é esperado o aumento no consumo de carnes, especialmente de suínos e aves. Há também expectativa de manutenção de preços ao consumidor, uma vez que a oferta de animais a serem abatidos deve ser compatível com a demanda no mercado doméstico.

Ponto favorável deve ser a criação de um Fundo Sanitário em Minas, esperada para 2018, o que possibilitará a abertura de novos mercados para a carne, fomentando ainda mais as exportações e dando novo fôlego ao setor.

➤ Bovinos

VBP MG 2017: R\$ 6,02 bilhões. Crescimento de 8,5%

De janeiro a outubro, foram abatidas 2,1 milhões de cabeças (9,4% do rebanho)

Minas Gerais está em 2º lugar no ranking nacional do efetivo rebanho de bovinos, com 23,6 milhões de cabeças (10,8% da participação total).

A redução do poder de compras do brasileiro resultou na diminuição do consumo da carne bovina. A perspectiva de que 2017 seria início de um ciclo pessimista para a pecuária de corte fez aumentar a oferta de gado para o abate logo nos primeiros meses do ano. Além disso, fatores externos como a Operação Carne Fraca, o retorno da cobrança do Funrural e a delação da JBS pioraram a conta.

Por outro lado, no acumulado de 2017, o valor médio da arroba pago ao produtor (R\$ 120,91) acabou 4,9% maior que no mesmo período do ano passado. Um dos fatores que explica a valorização é a oferta enxuta de animais acabados; principalmente devido à redução, no segundo ciclo, de animais de confinamento. Ao mesmo tempo, há ainda arrefecimento do consumo, devido ao cenário econômico atual.

De janeiro a novembro, as exportações brasileiras cresceram 12,6% em valor e 8,5% em volume. Já as remessas mineiras aumentaram 71,7% em receita, e 62,1% em volume, quando comparadas com o mesmo período de 2016.

Perspectivas 2018:

A expectativa para o próximo ano é de recuperação da demanda. Para o mercado interno, espera-se que o fortalecimento da economia e do mercado de trabalho promovam aumento do consumo brasileiro de carne bovina.

Para o mercado internacional, deve seguir consistente a demanda mundial que, desde agosto, registra evolução, em patamares próximos a 200 mil toneladas mensais. Além disso, a alta cambial estimada para 2018 torna o Brasil ainda mais competitivo como agente exportador. O aquecimento da demanda, no mercado interno e no internacional, deverá sustentar os preços da arroba do boi ao longo de 2018, mesmo que a perspectiva seja de aumento na oferta de animais terminados e bezerras, devido ao ciclo pecuário.

➤ Suínos

VBP MG 2017: R\$ 1,8 bilhões. Crescimento de 23,3%

Produção total mineira: 456 mil de toneladas, volume 0,9% superior ao ano passado.

Minas Gerais é o 4º no ranking nacional em plantel de suíno. São cerca de 5,2 milhões de cabeças, ou 13% do total do rebanho nacional.

O quilo do suíno pago ao produtor em novembro de 2017 (R\$ 4,18 /kg) está estável ao mesmo mês do ano passado (R\$ 4,20 / kg).

No acumulado de janeiro a novembro de 2017, as exportações mineiras de carne suína somaram 17,2 mil toneladas, gerando a receita de US\$ 34,8 milhões. Isso representa um decréscimo de 16,3% em volume, e de 6% em valor, se comparado ao mesmo período do ano passado.

O mercado para a carne suína poderá ter um bom crescimento graças à China, o que demandará grande vigilância quanto ao status sanitário do rebanho de suínos. Japão, Coreia do Sul, Hong Kong, Filipinas, Singapura e Taiwan figuram junto com China entre os doze maiores importadores de carnes suínas, lista que se completa com o México, Estados Unidos, Rússia, Canadá, Austrália e Chile.

O Brasil é o 5º maior consumidor mundial de carne suína, mesmo com consumo per capita extremamente pequeno, em torno de 14 kg por ano. A expectativa é de alcançarmos a marca, ainda modesta, de 20kg per capita, impulsionada dos preços valorizados da carne bovina e da saturação no consumo de carne de frango.

Espera-se que o consumo tenha um aquecimento já neste período festivo de fim de ano, o que poderá resultar no incremento de renda ao produtor. Para o próximo ano, o setor de suínos prevê um crescimento de 3% na produção.

➤ Frangos

VBP MG 2017: R\$ 2,2 bilhões. Recuo de 4,9%

A produção mineira de carne de frangos deverá totalizar 921 mil de toneladas, volume 3,1% menor que no mesmo período do ano passado, que foi de 951 mil de toneladas.

O preço médio recebido pelo produtor em novembro (R\$2,70/kg) foi 18,1% menor que no mesmo mês do ano anterior. No acumulado do ano, a variação foi de - 25,8%, motivado, principalmente, pela queda de exportações e estagnação do consumo no mercado doméstico.

No acumulado de janeiro a novembro, as exportações mineiras geraram receita de US\$ 258,3 milhões e um volume de 160,5 mil toneladas, o que significa queda de 7,8 % e 16,8% respectivamente, na comparação com o mesmo período de 2016, mesmo havendo incremento de 10,8% no valor médio da tonelada no mercado internacional.

Maiores produtores mundiais (2/3 das exportações mundiais), EUA e Brasil deverão ser favorecidos pela previsão de aquecimento da demanda internacional, além de maior consumo em seus já importantes mercados internos ($\pm 2,3\%$ e $\pm 3,5\%$ respectivamente).

No Brasil, onde o consumo per capita é de 44 Kg/ ano, espera-se que o consumo registre aquecimento já neste período festivo de final de ano, o que poderá resultar no incremento de renda ao produtor.

Mercado externo: Brasil e EUA continuarão dominando as exportações mundiais, seguidos pela UE-28. O Japão manterá a liderança das importações de carnes de frango, mas seu mercado continuará diminuindo. O México superará a Arábia Saudita como o 2º maior importador mundial e crescerá $\pm 3,7\%$. UE-28 e Iraque ocuparão o 4º e 5º lugares, seguidos pela China; cujas importações deverão crescer mais de 1/3 em relação às 410 mil toneladas compradas em 2016. Se somarmos a esta conta as importações de Hong Kong, a China se tornaria - já em 2017 -, o 2º maior mercado importador, com um total estimado de 885 mil toneladas.

➤ OUTROS PRODUTOS PECUÁRIOS:

Caprinos e ovinos: Desde 2014, Minas eliminou o ICMS para saídas de ovinos e caprinos vivos, inclusive interestadual, fomentando o desenvolvimento do setor. A ausência de frigoríficos em Minas desloca o abate para outros estados.

Uma das ações do Sistema FAEMG em 2017 foi a ampliação do programa Balde Cheio para as espécies caprinos e ovinos. Minas tem um potencial enorme para a produção de leite e derivados, bem como cortes nobres de alto valor agregado das duas espécies, atendendo o exigente consumidor gourmet.

Ovos: Minas Gerais possui o 3º maior rebanho de aves de postura, com a participação de 9,4% do efetivo. O preço médio recebido pelo produtor em novembro (R\$ 3,10/dúzia) ficou 21,4% maior que no mesmo ano anterior. As exportações mineiras nos primeiros dez meses de 2017 somaram US\$ 11,1 milhões. O VBP do segmento em 2017 está estimado em R\$1,2 bilhões; crescimento de 29,7% na comparação com 2016. A produção mineira deve ficar em torno de 390 milhões de dúzias, volume 6,9% superior ao registrado ano passado. O consumo interno gira em torno de 190 ovos per capita.

Codornas: Minas Gerais se mantém na 3ª colocação no efetivo de codornas, com a participação de 10,5%, e também na 3ª posição na produção de ovos, com a participação de 13,6%. As principais regiões produtoras são o centro-oeste e sul do estado.

Apicultura: A produção de mel de abelha e derivados em Minas tem se mostrado uma atividade alternativa de renda para os produtores rurais, e está em franca expansão. MG aparece em 3º no ranking dos estados com a representatividade de 13,4%. Nos primeiros 10 meses de 2017, as exportações mineiras dos produtos apícolas geraram US\$ 11,2 milhões em receitas e 2,0 milhões de toneladas em volume, valores 40,6 e 20,3 respectivamente superiores ao mesmo período de 2016.

Aquicultura:

A piscicultura vem se consolidando uma importante atividade econômica na agropecuária de Minas Gerais. A mais recente prova disso veio com a divulgação pelo IBGE de que, em 2016, o estado passou do 8º para o 6º lugar no ranking nacional dos maiores criadores de peixes.

Em 2016, a produção de peixes em Minas foi de 32,8 mil toneladas. Um crescimento de 48,4% em relação a 2015, quando o estado produziu 22,1 mil toneladas. De acordo com o IBGE, a produção mineira representa 6,5% do total no país e gerou, no ano passado, R\$ 211 milhões.

Destacam-se a produção de tilápia e truta no estado, com crescente mercado e atratividade em renda para o produtor. O Brasil está entre os dez maiores produtores de tilápia do planeta, ranking liderado pela China.

A FAO prevê que a produção global de peixes e produtos pesqueiros vá fechar 2017 com um crescimento de 2,3% em 2017. **223%** foi o crescimento da produção de tilápia no Brasil entre 2005 e 2015

- **90%** é quanto corresponde a criação de tilápia dentro do total de peixes cultivados no Brasil
- **5 milhões** de toneladas do pescado foram produzidas no mundo em 2015

CANA-DE-AÇÚCAR

Balanço 2017

Brasil: Produção total: 634,6 milhões de toneladas. Queda de 3% em relação a 2016 (CONAB/UNICA)

MG: ocupa o 3º colocado em produção de cana-de-açúcar (atrás de SP e GO), 2º em açúcar (SP) e 4º em etanol (SP, GO, MS).



Os números da safra mineira de cana-de-açúcar deste ano deverão ser maior do que o esperado; 64 milhões de toneladas contra os 61 milhões inicialmente. O Triângulo Mineiro, principal região produtora, será a grande responsável por esse aumento. Houve melhora na produtividade da lavoura, que recebeu bom nível de chuva em abril e maio de 2017 (mesmo sendo época de colheita, as chuvas melhoraram a produtividade da cana). Também atribui-se os bons resultados aos cuidados dos produtores com as lavouras.

A safra canavieira passou por grande período de estiagem. Este fato tem lados positivos e negativos. Por um lado, favorece a absorção de sacarose e melhora a produtividade. Por outro atrai incêndios, naturais ou criminosos. Os registros de incêndios foram maiores neste ano. Nas regiões produtoras o fogo ocorreu muitas vezes em áreas já colhidas, atrapalhando o desenvolvimento da soqueira o que pode levar à perda de produtividade na próxima safra. Mesmo assim, ainda é cedo para quantificar os prejuízos causados pelos incêndios.

O setor, que produz cana, açúcar, etanol e energia, iniciou o ano apostando mais na produção açucareira (52%) em função das perspectivas de déficit no mercado mundial. Porém, no decorrer da safra, o cenário foi se alterando e os preços para o açúcar no mercado internacional não sustentaram esse arranjo de produção, o que deixou o etanol um pouco mais atrativo. Estima-se que o mix da safra termine mais equilibrado (meio a meio).

ETANOL: este ano de 2017 para o combustível renovável foi turbulento. Logo nos primeiros meses houve uma volta do imposto federal PIS/COFINS, que estava isento desde 2013, fato que reduziu a competitividade do produto frente a gasolina. Além disso, houve uma expressiva importação de etanol, realizada para cumprimento de obrigações no mercado doméstico. Mesmo assim houve a entrada de combustível americano, apesar da taxa de 20% sobre esta transação.

Houve, no entanto, um fator que impactou de forma positiva o setor: a nova política de precificação da gasolina, adotada pela Petrobras, movimentação considerada bem-vinda pelo setor. Apesar das mudanças tributárias recentes no mercado e no preço da gasolina terem impactado de forma positiva o consumo do combustível limpo e renovável, os preços estão 13% inferiores se comparados ao ano passado.

AÇÚCAR: A baixa competitividade do etanol e a falta de ações concretas em favor de sua produção levaram os usineiros a voltarem a optar pelo açúcar no início de 2017. Os preços da commodity foram valorizados pelo déficit no mercado mundial no ano passado. A produção de açúcar registrou um aumento de 400 mil toneladas em sua capacidade instalada em Minas em função da instalação de mais duas fábricas de açúcar (Limeira do Oeste e Tupaciguara, ambas no Triângulo).

Porém, os bons preços do açúcar no mercado internacional não se sustentaram por muito tempo em 2017, saindo de US\$ 25 cents por libra peso (/lp) em outubro de 2016 para US\$ 13 cents/lp em junho deste ano, fato que favoreceu a reversão do mix do setor, do açúcar para o etanol. Além disso, a taxa de importação aplicada pela Índia (maior consumidor global de açúcar), foi elevada de 40 para 50%, o que inibiu a oferta e o comércio internacional.

Resumidamente, a safra 2017/18 é estimada em encerrar com os seguintes números:

PRODUTO	PRODUÇÃO	VARIAÇÃO – SAFRA PASSADA
Cana-de-açúcar	64 milhões de ton	Alta de 0,8%
Açúcar	4,2 milhões de ton	Alta de 7,7%
Etanol hidratado	1,6 bilhões de litros	Alta de 6,6%
Etanol anidro	927 milhões de litros	Queda de 14,7%
Etanol Total	2,5 bilhões de litros	Queda de 3,8%
ATR médio	140,34 kg / ton de cana	Alta de 5,3%
Mix produção	50% açúcar e etanol (Iniciou propensa mais para açúcar, mas, tende a encerrar meio a meio)	46% açúcar / 54% etanol (Safr passada foi mais alcooleira)

Fonte: SIAMIG (2017)

Perspectivas 2018

Clima irregular, dificuldades de caixa para investimentos em renovação de plantio e tratos culturais, volatilidade no mercado de petróleo (que tem afetado a paridade do etanol) são algumas das principais variáveis a serem analisadas para compor os cenários iniciais da próxima temporada, que começa em abril de 2018.

As previsões de moagem de cana para safra 2018/19 mudam conforme a fonte (IBGE, CONAB, DATAGRO, etc..). Mas todos têm um ponto em comum: dificilmente o volume de matéria-prima será superior ao da safra 2017/18. O inverno rigoroso deste ano e a estiagem prejudicaram o desenvolvimento da rebrota da soqueira, os fatos de mercado registrado ao longo de 2017, mais a expectativa da chuva até dezembro próximo, criam pontos de interrogação para a safra 2018/19.

Em relação ao mercado internacional de açúcar, as informações destoam sobre as previsões de superávit mundial e só estão garantidas sobre a queda nas cotações pela Bolsa de Nova York, onde os contratos futuros para março/maio/julho previam máximo de US\$ 14,43 por libra peso. Há um ano, os mesmos contratos valiam o dobro. Como resultado do declínio dos preços,

traders e empresários recuaram em formalizar contratos futuros. Em 2016, pelo menos 60% do açúcar da safra 2017/18 foi negociada até o fim de outubro. Neste ano, menos de 10% da safra teve o mesmo tratamento. A performance do clima gera incógnitas sobre a qualidade da cana para a próxima temporada.

CANA BISADA: haverá cana remanescente de 2017 para ser processada em 2018 em razão das chuvas que vêm ocorrendo ao fim da safra, mas o volume será inferior ao registrado nesse ano.

PRODUÇÃO: a produção de cana está cada vez mais pressionada pela idade média dos canaviais, muitos deles já envelhecidos.

MIX: Em 2018/2019 espera-se uma safra mais alcooleira. O mercado de açúcar não tem gerado boas expectativas, enquanto que o consumo de etanol vem apresentando bons resultados.

RENOVABIO: A expectativa é que o plano RenovaBio, lançado em dezembro de 2016, estimule a produção dos combustíveis renováveis, e também a credibilidade esperada para que haja novos investimentos no setor sucroenergético.

CONSECANA: o setor produtivo espera que, na próxima safra, haja atualização da metodologia e dos valores do CONSECANA, o que é fundamental para melhorar a performance da cana-de-açúcar nesse mercado tão complexo.

SILVICULTURA



Balanço 2017 (ano base 2016 - IBÁ)

Brasil: 7,8 milhões de hectares plantados (+0,6% em relação a 2015)

MG: 1,4 milhões de hectares plantados (20% da área nacional – eucalipto e pinus)

De acordo com dados do IBÁ (Indústria Brasileira de Árvores), Minas Gerais possui a maior área de reflorestamento do Brasil, com 1,4 milhões de hectares de florestas plantadas; 97,4% são eucaliptos. Desde o último ano, as áreas florestais no estado reduziram 0,4%.

De Minas sai 79,8% do carvão vegetal produzido nacionalmente, 11,0% da lenha, 9,2% da celulose e 10,3% da madeira em tora para outras finalidades. A participação mineira teve queda em relação ao último ano, quando o carvão chegou a representar cerca de 83% da produção nacional e celulose 10,7%.

Em 2016, o mercado de carvão vegetal, considerado um dos insumos mais importantes da siderurgia, registrou produção de 3,9 milhões de toneladas, queda de 11,4% se comparado ao ano anterior. O segmento passa ainda por crise, motivada principalmente pela retração do consumo do setor automotivo e pela baixa competitividade dos siderúrgicos nacionais frente ao mercado internacional (expansão de aço da China).

Já a produção mineira de madeira em tora para papel e celulose totalizou 7,8 milhões de metros cúbicos; redução de 5,1% frente ao ano anterior. Minas Gerais é o quinto maior estado produtor deste segmento, atrás de PR, SP, BA e MS.

Os recuos em volume se repetiram nos números do faturamento. A maior parte dos produtos florestais produzidos tiveram desvalorização entre 2015 e 2016.

Variação 2015-2016							
Carvão vegetal		Lenha		Madeira em tora			
				Para papel e celulose		Para outras finalidades	
Quantidade (t)	Valor (1 000 R\$)	Quantidade (m³)	Valor (1 000 R\$)	Quantidade (m³)	Valor (1 000 R\$)	Quantidade (m³)	Valor (1 000 R\$)
-11,4%	-1,4%	-2,5%	-2,1%	-5,1%	-8,1%	6,1%	3,6%

Fonte: IBGE (2017)

Em Minas, muitos produtores encontraram dificuldade em destinar a madeira para outros segmentos a preços pouco remuneradores, uma vez que as variedades utilizadas foram disponibilizadas para uso na siderurgia. Preocupada com essa situação, a FAEMG vem atuando

constantemente junto a parceiros do setor florestal. Na Câmara Técnica de Silvicultura da SEAPA, tem direcionado importantes pleitos, como a Política Estadual de Floresta Plantada e o ajuste do Licenciamento. Trabalha também junto ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, o Projeto Siderurgia Sustentável, onde já estão em curso várias ações na busca de criar oportunidades para os produtores florestais.

Expectativas 2018

- Tramita no COPAM (Conselho Estadual de Política Ambiental) uma proposta de revisão da Deliberação Normativa 74/2004, estabelecendo novos critérios para autorização de licenciamento ambiental, abordando classe, porte e potencial poluidor de empreendimentos e atividades agropecuárias. A FAEMG está acompanhando e atuando para garantir melhor panorama para o desenvolvimento sustentável da produção florestal no estado.
- Com a prorrogação do CAR (Cadastro Ambiental Rural), para dezembro de 2017, os produtores florestais poderão melhorar a gestão ambiental e territorial de suas propriedades. Será também momento de se prepararem para o PRA (Plano de Regulamentação Ambiental).
- O trabalho com energia da biomassa também poderá ser um foco para o setor. Muitas pesquisas e ações vêm sendo desenvolvidas em Minas. O atendimento às metas pactuadas na COP-23, preconizando a ampliação do uso das energias renováveis, favorece este cenário. Além disso, uma conquista importante conseguida junto ao MME (Ministério de Minas e Energia) foi a publicação da Portaria Nº. 293, que regula e permite a comercialização, a partir de 2021, de energia elétrica produzida por termelétricas com biomassa. Em dezembro deste ano, devem ser realizados os leilões Energia Nova A-4 e A-6, a serem confirmados mediante demanda dos agentes de distribuição.
- O trabalho com uso múltiplo da madeira também deve ser fomentado, aumentando a diversificação de demandas no mercado consumidor. Esse é um desafio para minimizar efeitos das crises que assolam determinados segmentos do setor florestal, como é o caso do carvão vegetal (siderurgia, ferro liga/gusa e móveis).
- Para as boas perspectivas se concretizarem, será preciso reduzir, ou eliminar, certos desafios que impactam o setor: desburocratizar a concessão de licença ambiental; simplificar a avaliação e registro de produtos de defesa fitossanitária; e melhorar a oferta de créditos a produtores rurais. Além disso, é preciso pensar ainda as dificuldades intrínsecas, como a ineficiência logística e da matriz de transporte; a impossibilidade de terceirização de mão de obra e as restrições de aquisição de terras por estrangeiros. Para completar o cenário, o complexo e caro sistema tributário nacional e a falta de medidas judiciais céleres contra a invasão de imóveis rurais geram custos e inseguranças.

QUEIJO MINAS ARTESANAL

Balanço 2017

Cenário

Minas Gerais é o maior produtor de leite do Brasil. De acordo com o IBGE (2014), a participação da mineira corresponde a 27% da produção nacional, com 9,4 milhões de litros produzidos. Atualmente, com o crescimento do consumo e valorização, pelo consumidor, do Queijo Minas Artesanal (QMA), os produtores têm buscado a profissionalização no setor de produção e comercialização de queijos, seja na capacitação e treinamentos em boas práticas de fabricação, e até mesmo na venda direta entre produtor e o consumidor (*farmers Markets*), em loja própria e em feiras de agricultores em diferentes cidades do Estado.



Comissão Técnica

Com o objetivo de fomentar a organização e desenvolvimento do setor produtivo, e das sete regiões de origem geograficamente delimitadas no estado, a FAEMG criou, em 2016, a Comissão Técnica de Queijo Minas Artesanal. Durante todo o ano de 2017, ponto central dos encontros foi a articulação de propostas para alteração da lei 20.549, que trata dos queijos artesanais.

Missão Técnica

Em junho de 2017, a FAEMG organizou Missão Técnica à França, com visita às regiões queijeiras, propriedades e laticínios, visando o aprendizado e a troca de experiências. Participaram queijeiros de todas as sete regiões, além de representantes do Sistema FAEMG e de entidades convidadas.

Premiação Internacional

Durante a viagem à França organizada pela FAEMG, diversos produtores do grupo foram inscritos para participarem do Concurso Mundial, em Tours. Concorrendo com 700 tipos de queijo de 20 países, os mineiros conquistaram 13 medalhas, sendo uma medalha super ouro, 2 de ouro, sete de prata e três de bronze, resultado que confirma a qualidade dos produtos artesanais mineiro.

Festival do Queijo

A FAEMG realizou, em 2017, a primeira edição do Festival do Queijo Minas Artesanal, evento gastronômico com os sabores do autêntico Queijo Minas Artesanal de leite cru. Foi entre os dias 28 e 30 de julho de 2017, na Serraria Souza Pinto, em Belo Horizonte/MG.

O evento reuniu os melhores queijos das sete regiões produtoras, chefs de cozinha renomados e seus pratos especiais, cervejas artesanais, cachaças, vinhos, produtos apícolas e azeites mineiros que harmonizam com os queijos. Os resultados surpreenderam, com um público visitante de 15 mil pessoas e um volume de 40 toneladas de queijos vendidos durante o festival.

Perspectivas para 2018:

- Necessidade de iniciar pesquisas dos queijos artesanais nas regiões produtoras para a identificação dos tipos de fungos e monitoramento da qualidade do produto queijo.
- A nova regulamentação (Lei 20.549) da produção do QMA está sendo discutida na ALMG, visando ajustar as exigências federais às estaduais. O foco será desburocratizar processos e diminuir os gargalos na comercialização do produto, com manutenção da tradição cultural e da qualidade e preocupação do produtor em seguir as normas da vigilância sanitária.
- Expectativa para a realização da 2ª edição do Festival do Queijo Minas Artesanal, com objetivo de divulgar ainda mais os produtores mineiros para o público doméstico e também os demais consumidores de outras federações e países.

PALMA FORRAGEIRA

O lançamento, em junho, do Programa Palma Para Minas trouxe destaque para a cultura da Palma Forrageira, como alternativa para auxiliar produtores rurais no convívio com a seca no estado. O Sistema FAEMG, junto com instituições de ensino e entidades que atuam na área do agronegócio mineiro uniram forças para disseminar a cultura, com ações nos segmentos da pesquisa, do ensino e da extensão junto aos agricultores e pecuaristas das áreas de vulnerabilidade climática do estado.



No ano de 2017 algumas atividades já aconteceram:

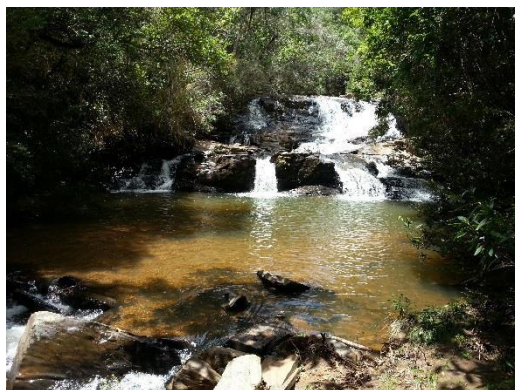
- Intercâmbio e introdução de variedades em unidades de multiplicação localizadas em diversos municípios do norte de Minas e Vale do Jequitinhonha;
- Implantação de Viveiros Experimentais em Nova Porteirinha e Leme do Prado;
- Capacitações de técnicos das instituições parceiras;
- Dias de Campo em campos experimentais;
- Implantação de 4 unidades de multiplicação e referência;
- Publicação do Informe Agropecuário da Epamig sobre a cultura da Palma Forrageira;
- Solicitação de estudo de Zoneamento Agrícola de Risco Climático – ZARC para a cultura da Palma no estado – demanda apresentada à CNA e Mapa.

Ações previstas para 2018

- Levantamento das áreas implantadas com a cultura em Minas Gerais – localização, tamanho e sistema produtivo;
- Oferecimento, pelo SENAR, de capacitação sobre o cultivo da cultura e de sua utilização na alimentação de bovinos, ovinos e caprinos;
- Dias de Campo em propriedades e campos experimentais implantados;
- Realização de Visita Técnica ao estado da Bahia, para conhecer o pastejo rotacionado de Palma Forrageira;
- Busca de recursos para implantação de portfólios de pesquisa das instituições parceiras;
- Articulação de audiência pública para discutir o assunto na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e buscar apoio para as ações do Programa.

MEIO AMBIENTE

BALANÇO 2017



Crise Hídrica

A crise hídrica que assola Minas Gerais é resultado da baixa ocorrência de chuvas nos últimos anos; e agravada por problemas de gestão, falta de saneamento e a poluição dos rios. Segundo dados da SEMAD, 265 municípios se declararam em estado de escassez hídrica em 2017. Como consequência, foi aprovado um projeto de lei que aumentou a área mineira da Sudene.

Outra medida adotada para tentar minimizar os impactos da crise hídrica no Rio São Francisco foi a instauração do “Dia do Rio”. A ação decretou a suspensão das captações de água na bacia hidrográfica do Rio São Francisco às quartas-feiras, exceto para abastecimento humano e dessedentação animal. A medida que estaria vigente até 30 de novembro foi prorrogada até abril de 2018.

Revisão da metodologia de cobrança pelo uso da água no São Francisco

O Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (CBHSF) aprovou a nova metodologia de cobrança pelo uso de recursos hídricos na bacia. A FAEMG se manifestou contra a aprovação da norma que altera preços e a metodologia de cobrança pelo uso de recursos hídricos na bacia porque o segmento mais impactado pela proposta aprovada foi o dos irrigantes. A norma entra em vigência se for aprovada pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH)

Fim do prazo do CAR

O prazo para que produtores rurais se inscrevam no Cadastro Ambiental Rural (CAR) termina no dia 31 de dezembro de 2017, salvo se aprovado o projeto de Lei de prorrogação. A FAEMG está alertando os produtores rurais para que atentem ao prazo.

Revisão da norma do Licenciamento Ambiental de Minas Gerais

Foi aprovada em 6 de dezembro a proposta substitutiva à Deliberação Normativa do Copam nº 74/2004, que trata do Licenciamento Ambiental em Minas Gerais. O novo texto é fruto de ampla discussão no Copam e de uma consulta pública, em que a sociedade também pôde participar do processo. A FAEMG acompanhou o processo desde o início e realizou dezenas de encontros políticos e reuniões com entidades representativas de cada setor, encaminhando propostas tecnicamente fundamentadas e em defesa do produtor rural.

Municipalização do licenciamento

Foi aprovada pelo Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam), em fevereiro de 2017, a DN Copam 213 que faz a normatização do licenciamento ambiental pelos municípios. A regulamentação da norma deve dar agilidade aos processos de licenciamento de atividades de

menor porte, tendo como base o impacto local. Segundo a SEMAD, aproximadamente 60 municípios já se manifestaram interesse em aderir.

IV SEMINÁRIO AMBIENTAL

O SISTEMA FAEMG promoveu, em BH, a quarta edição do Seminário Ambiental, com o tema “Inteligência Territorial e Sustentabilidade”, alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O encontro reuniu especialistas nacionais e internacionais, referências do setor, discutindo o tema em oito palestras e dois grandes debates. Uma das constatações foi que a área destinada à preservação da vegetação nativa nos imóveis rurais é de 33%, quando a exigência legal é de apenas 20%.

Minas no Caminho das Águas

O Sistema FAEMG lançou, em outubro, a Cartilha “Produtor Rural Também é Produtor de Água” no evento preparatório para o Fórum Mundial da Água que ocorrerá em Brasília em 2018.

Programa Nosso Ambiente

A FAEMG ampliou a representação em Conselhos Deliberativos que afetam a vida do Produtor Rural. Também aumentou o número de parceiras em projetos que desenvolvem ações de recuperação de preservação ambiental em Minas Gerais, evidenciando a que a consciência e a sustentabilidade do planeta passam pelo meio rural.

Outra linha que ganhou destaque dentro do Programa Nosso Ambiente foi a ampliação de Cursos ofertados pelo Senar Minas, em 2017 a novidade foi o curso de Fossa Séptica (Biodigestora e Ecológica), que prevê a substituição da fossa negra pela fossa séptica.

TIPO DE CURSO	AÇÕES	MUNICÍPIOS
Trabalhadores Florestais Polivalentes / Recuperação e Proteção de Nascentes	1044	61
Trabalhadores Florestais Polivalentes / Recuperação de Áreas Degradadas e Alteradas	49	29
Trabalhadores Florestais Polivalentes / Recuperação de Áreas Degradadas e Alteradas - Plantio	41	34
Trabalhadores Florestais Polivalentes / Nosso Ambiente	98	377
Trabalhador em Serviços de Promoção e Apoio à Saúde / Construção de Fossa Séptica Ecológica	24	14
Trabalhador de apoio à agricultura / Cerqueiro - Cerca elétrica	60	48
Trabalhador de apoio à agricultura / Cerqueiro - Arame farpado e liso	145	81
Totais	1461	644